

<i>Colégio Est. Dr. Eduardo Bahiana</i>	
ALUNO:	
DATA: ____/____/____	TURMA:
DISCIPLINA: FILOSOFIA	ORIENTADOR: MANUEL ANTONIO

René Descartes



René Descartes nasceu em 1596 e viveu em vários países da Europa ao longo da vida. Já na sua juventude, sentia o forte desejo de tomar conhecimento da natureza do homem e do universo. Mas depois de ter estudado filosofia tornou-se consciente principalmente da sua própria ignorância. Tal como Sócrates, estava convencido de que só a razão nos pode dar conhecimento seguro. Nunca podemos confiar no que está escrito em livros antigos. Nem sequer podemos confiar no que os nossos sentidos nos transmitem. De Sócrates e Platão, através de S. Agostinho, há uma linha direta até Descartes. Todos eles eram racionalistas convictos. Para eles, a razão era a única fonte segura de conhecimento. Descartes queria procurar o saber que podia encontrar em si mesmo ou "no grande livro do mundo". Por isso, entrou para o exército e pôde permanecer em diversos locais da Europa Central.

Depois da imponente redescoberta do homem e da natureza no Renascimento, surgiu de novo a necessidade de reunir todas as idéias contemporâneas num único "sistema filosófico" coerente. O primeiro grande construtor de sistema foi "Descartes", e seguiram-se-lhe "Espinosa" e "Leibniz", "Locke" e "Berkeley", "Hume" e "Kant".

No século XVII, na Idade Moderna, a filosofia tentou pôr em sistema as novas idéias, como os antigos os tinham feito. O primeiro a fazer esta tentativa, na modernidade, foi Descartes. Ele deu o sinal de partida para aquilo que se tornaria o projeto filosófico mais importante para as gerações seguintes. Antes de mais, preocupava-o o que nós podemos saber, ou seja, a questão da "solidez do nosso conhecimento". A segunda grande questão que o preocupava era a "relação entre corpo e alma". Estas duas problemáticas determinariam a discussão filosófica dos cento e cinquenta anos seguintes. Na questão de como podemos alcançar saber seguro, alguns exprimiram o seu total "ceticismo" filosófico. Achavam que os homens tinham de se conformar com o fato de nada saberem. Mas Descartes não se conformou com isso. Se o tivesse feito, não teria sido um verdadeiro filósofo. Justamente na época de Descartes, a nova ciência da natureza desenvolvera um método que havia de fornecer uma descrição totalmente segura e exata dos processos naturais. Descartes se interrogou se não havia um método igualmente seguro e exato para a reflexão filosófica.

No livro, “Discurso do Método”, Descartes defende que o "método matemático" aplicado à reflexão filosófica seria o melhor método filosófico que um filósofo deveria utilizar para resolver um problema filosófico. Para ele, dever-se-ia provar verdades filosóficas aproximadamente do mesmo modo que um teorema matemático. Deveria-se usar exatamente o mesmo instrumento que usamos ao trabalhar com números, a “razão”, porque só a razão nos fornece conhecimento seguro. Não estabelece de modo algum que se possa confiar nos sentidos. Já referimos a sua afinidade com Platão. Também este dissera que a matemática e as relações numéricas fornecem conhecimento mais seguro do que os testemunhos dos nossos sentidos. O seu objetivo é, portanto, obter conhecimentos seguros acerca da natureza da realidade, e ele torna claro em primeiro lugar que no início devemos duvidar de tudo. Ele não queria edificar o seu sistema filosófico sobre areia. Segundo ele, nunca podemos confiar no que os nossos sentidos nos transmitem, porque podemos ser enganados por eles. Mesmo quando sonhamos, acreditamos estar a viver uma situação real. E haverá alguma coisa que distinga as nossas sensações, quando estamos despertos, das sensações "sonhadas"? "Quando reflito cuidadosamente nesta questão, não encontro nenhum indício pelo qual possa distinguir com segurança a vigília do sono", escreve Descartes. E ele prossegue: "São ambos tão semelhantes que eu fico totalmente perplexo e não sei se não estarei a sonhar neste momento". Descartes chegou à conclusão de que duvidava de tudo e que isso é a única coisa de que se pode ter uma certeza absoluta. E em seguida, há algo que se lhe torna claro: há um fato, do qual ele pode ter toda a certeza: dúvida. Mas se duvida, tem que concluir que pensa, e se pensa tem de concluir que é um ser pensante. Ou, como ele próprio diz: "cogito, ergo sum", que significa, penso, logo existo.

Questionário:

- 1) Em que ano Descartes nasceu e em que países ele viveu?
- 2) O que ele descobriu depois de estudar filosofia?
- 3) Do que Descartes estaria convencido, tal como Sócrates?
- 4) Em que nunca podemos confiar, segundo o texto?
- 5) Como podemos caracterizar os filósofos Sócrates, Platão, S. Agostinho e Descartes? E por que podem receber esta característica?
- 6) Depois da imponente redescoberta do homem e da natureza no Renascimento, o que surgiu de novo?
- 7) Quais foram os grandes construtores de sistemas na antiguidade?
- 8) Quais foram as duas maiores problemáticas que determinariam a discussão filosófica na Idade Moderna?
- 9) Com o que Descartes não se conformou com isso, e o fez com que torna-se um grande filósofo?
- 10) O que Descartes se interrogou acerca da nova ciência da natureza?
- 11) O que Descartes defende no livro, “Discurso do Método”?
- 12) O que segundo Descartes, deve-se usar para nos fornecer um conhecimento seguro?
- 13) Como devemos pensar, segundo Descartes, para obter conhecimentos seguros acerca da natureza da realidade?
- 14) Por que, segundo ele, nunca podemos confiar no que os nossos sentidos nos transmitem?
- 15) O que Descartes nos diz a respeito do sono e da vigília?
- 16) Qual a única coisa de que se pode ter como uma certeza absoluta, conforme o pensamento prévio de Descartes?